

LEIA NESTA EDIÇÃO

TEMA DE CAPA | Entrevistas

- 5 **Cleusa Andreatta:** Apontamentos sobre o Contexto Teológico do Vaticano II
- 6 **Baú da IHU On-Line**
- 7 **John W. O'Malley:** O Concílio do impulso para a reconciliação
- 10 **João Batista Libânio:** Vaticano II: o termo que se faz divisor de águas chama-se hermenêutica
- 15 **Massimo Faggioli:** Vaticano II. 50 anos depois, apenas o início de um longo processo de recepção
- 17 **Gilles Routhier:** Vaticano II: bússola confiável para conduzir a Igreja rumo ao terceiro milênio
- 19 **Johan Verstraeten:** “O princípio social central do Vaticano II é a justiça”
- 22 **Andrea Grillo:** Um ato profético e um “evento linguístico”
- 25 **José Roque Junges:** O Concílio Vaticano II e a ética cristã na atualidade
- 30 **Maria Benedetta Zorzi e Armando Matteo:** “Estamos em um período de encastelamento”
- 33 **Margit Eckholt:** As mulheres e a Igreja: “sinais dos tempos”
- 36 **Olga Consuelo Velez:** Um acontecimento de graça e de novidade
- 39 **José Oscar Beozzo:** O ecumenismo para a fulguração da unidade entre os cristãos
- 44 **Nancy Cardoso Pereira:** O melhor e o pior do Vaticano II no corpo e na vida de irmãs companheiras
- 46 **Rodrigo Coppe Caldeira:** Vaticano II: a batalha pelo significado
- 51 **Faustino Teixeira:** Hermenêuticas em tensão: tempos sombrios para a teologia

DESTAQUES DA SEMANA

- 54 **ENTREVISTA DA SEMANA:** Carlos Brandão: A emergência do indivíduo e as novas formas de viver a religião
- 59 **LIVRO DA SEMANA:** Eduardo Guerreiro Brito Losso: A mística e o enfrentamento radical da miséria humana
- 66 **COLUNA DO CEPOS:** Anderson David Gomes dos Santos: O saldo da transmissão olímpica é de mais brigas para o futuro
- 68 **DESTAQUES ON-LINE**

IHU EM REVISTA

- 70 **Agenda da Semana**
- 71 **Gustavo Oliveira de Lima Pereira:** Apátridas e refugiados. Os direitos humanos a partir da ética da alteridade
- 78 **IHU Repórter:** João Hilário Xavier



twitter.com/ihu



bit.ly/ihufacebook



www.ihu.unisinos.br

Livro da Semana

TEIXEIRA, Faustino (Org.). *Caminhos da mística*. São Paulo: Paulinas, 2012.

A mística e o enfrentamento radical da miséria humana

Aspecto religioso e cultural constituinte das manifestações básicas do homem, a mística não é escapismo do mundo, mas é caminho contra a “compulsão à emissão”, cujo maior remédio é o silêncio meditativo, acentua Eduardo Guerreiro B. Losso

POR MÁRCIA JUNGES

Fenômeno existencial e experiencial humano mal compreendido ao longo da história do pensamento, a mística foi abordada extensamente, mas também sofreu recalcamento “tanto por um investimento institucional eclesial quanto acadêmico laico”, afirma Eduardo Guerreiro B. Losso na entrevista que concedeu por e-mail à **IHU On-Line**. Segundo ele, a mística foi um dos assuntos mais estudados no século XIX e, mais ainda, no século XX. “Insisto que a mística, seja tradicional, seja moderna, não é escapismo, nem do mundo, nem do vazio existencial do homem moderno, muito pelo contrário”, argumenta. E completa: “Os estados bem-aventurados dos místicos não existem sem enfrentamento radical da miséria humana. Como o mundo de hoje é escapista e ligeiro por definição, a prática e a teoria da mística são fatores essenciais para uma crítica da me-

diocridade atual e apontam saídas valiosas para ela, desde que o conteúdo tradicional mesmo não deixe de passar por um processo de secularização e transformação, o que implica aceitar, a meu ver, os aspectos emancipatórios da modernidade”.

Eduardo Guerreiro Brito Losso é mestre e doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ e Universität Leipzig, Alemanha, orientado por Christoph Türcke, com a tese *Teologia negativa e Theodor Adorno. A secularização da mística na arte moderna*. Na Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ cursou pós-doutorado. Leciona na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRJ e é um dos autores de *O carnaval carioca de Mario de Andrade* (Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2011). Conheça seu site <http://www.eduardoguerreirolosso.com/>

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Qual é o objetivo da obra *Caminhos da mística*? Há um fio condutor que unifica os diferentes artigos publicados?

Eduardo Guerreiro B. Losso – O livro divulga os trabalhos realizados

no Seminário de mística comparada, desde 2001, organizado por Faustino Teixeira, que congrega diversos pesquisadores do Brasil dedicados especialmente a esse assunto. Ele já é o terceiro publicado e comprova

a consistência, insistência e avanço constante no tratamento de questões específicas e gerais do que podemos considerar um verdadeiro movimento de teóricos da mística no Brasil. O esforço de Faustino e a constância de

todos os envolvidos no Seminário demonstra que a mística não deve ser tratada nem com o desprezo de quem não conhece sua profunda importância para o pensamento e cultura ocidental, bem como de todas as civilizações, nem relegada a um papel secundário como fator de erudição distante de nossa realidade atual. Nesse sentido, o livro é definitivo para apresentar o vigor da produção acadêmica brasileira no tratamento desse assunto “estranho e essencial”, como o definiu Michel de Certeau¹, bem como para enfrentar o desafio de pensar a importância das tradições místicas e a atualidade de seu impulso transformador e de sua experiência, individual e coletiva, na contemporaneidade, dentro de um debate internacional e nacional.

O fio condutor do livro me parece estar não só numa sequência que respeita a cronologia histórica de Plotino², mística oriental, mística

medieval, até a filosofia e poesia moderna, mas também na reincidência de temas e questões comuns: ligação entre vida contemplativa e ativa, experiência de iluminação, etapas do caminho espiritual, riqueza simbólica da poética mística, estatuto do conceito de mística na discussão de uma modernidade e pós-modernidade crítica à metafísica.

IHU On-Line – Como esse livro se insere dentro do contexto brasileiro e internacional sobre o debate dessa temática?

Eduardo Guerreiro B. Losso – O papel de obras que poderemos chamar de místicas ou movimentos e práticas que estão ligadas à temática é determinante na cultura ocidental e, mais ainda, em culturas orientais. A mística é um aspecto religioso e cultural constituinte das manifestações básicas do homem. Estudos de mística despontam já no século XIX e são surpreendentemente abundantes na antropologia, teologia, estudos literários, filosofia, sociologia e psicologia. O estudioso, hoje, tem muita dificuldade de traçar um panorama razoável, ainda que Bernard McGinn e Certeau tenham feito tentativas nesse sentido.

A questão da mística sempre teve um papel considerável ao longo do pensamento brasileiro. Alfredo Bosi³ destacou o conteúdo místico jesuíta das obras poéticas de José de Anchieta⁴ e seu contraste com os rituais tupi, onde, em suas diferen-

tes formas de arroubo, observa-se o embate de diferentes culturas que entraram em interação e formaram o Brasil. Os poetas arcádicos fundaram uma Arcádia Ultramarina, como descobriu Antonio Candido⁵, que assumiu a função de ligar oficialmente escritores brasileiros a uma instituição europeia e promover uma sociabilidade que, juntamente com o debate e troca de ideias, constituiu também espécie de sociedade esotérica com características peculiares. Este mesmo arcadismo produziu toda uma poética do deserto desolado, feito de “duras penhas”, que remetiam ao deserto bíblico dos profetas e dos ascetas.

Ânsia ao inefável e do impreciso

O romantismo, por outro lado, introduziu a mística propriamente tropical da floresta, e o simbolismo de Cruz e Souza e Alphonsus de Guimaraens deram grande expressão a uma ânsia ao inefável e do impreciso que é emblemática de uma ascese poética solitária. No século XX, mesmo ateu como Mario de Andrade⁶ viam nas ma-

1 **Michel de Certeau** (1925-1986): intelectual jesuíta francês. Foi ordenado na Companhia de Jesus em 1956. Em 1954 tornou-se um dos fundadores da revista *Christus*, na qual esteve envolvido durante boa parte de sua vida. Lecionou em várias universidades, entre as quais Genebra, San Diego e Paris. Escreveu diversas obras, dentre as quais *La Fable mystique: XVIème et XVIIème siècle* (Paris: Gallimard, 1982); *Histoire et psychanalyse entre science et fiction* (Paris: Gallimard, 1987); *La prise de parole. Et autres écrits politiques* (Paris: Seuil, 1994). Em português, citamos *A escrita da história* (Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982) e *A invenção do cotidiano* (3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998). Sobre Certeau, confira as entrevistas *Michel de Certeau ou a erotização da história*, concedida por Elisabeth Roudinesco, e *As heterologias de Michel de Certeau*, concedida por Dain Borges, ambas à edição 186 da *IHU On-Line*, de 26-06-2006, disponíveis para download em <http://bit.ly/PUWt3r>. As mesmas entrevistas podem ser conferidas na edição 14 dos Cadernos IHU em Formação, intitulado *Jesuítas. Sua identidade e sua contribuição para o mundo moderno*, disponível para download em <http://bit.ly/RDt60r>. (Nota da IHU On-Line)

2 **Plotino** (205-270): filósofo egípcio, discípulo de Amônio Sacas e mestre de Porfírio, que nos legou seus ensinamentos em seis livros de nove capítulos cada, chamados de *As Enéadas*. Acompanhou uma expedição à Pérsia, onde tomou contato com a filosofia persa e indiana. Regressou à Alexandria e, aos 40 anos, estabeleceu-se em Roma. Desenvolveu as doutrinas aprendidas de Amônio numa escola de filosofia com seletos alunos. Pretendia fundar uma cidade

chamada Platonópolis, baseada nos ensinamentos da *República* de Platão. Plotino dividia o universo em três hipóstases: o Uno, o Nous (ou mente) e a alma. (Nota da IHU On-Line)

3 **Alfredo Bosi** (1936): professor universitário, crítico e historiador de literatura brasileira. É um dos imortais da Academia Brasileira de Letras. Escreveu, entre outros, *Bras Cubas em três versões* (Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2006) e *História concisa da literatura brasileira* (44ª ed. São Paulo: Cultrix, 2007). (Nota da IHU On-Line)

4 **Beato José de Anchieta** (1534-1597): jesuíta espanhol, um dos fundadores de São Paulo e declarado beato pelo papa João Paulo II. É chamado de Apóstolo do Brasil. Tendo o padre Manuel da Nóbrega, Provincial dos Jesuítas no Brasil, solicitado mais sacerdotes para a atividade de evangelização do Brasil, o Provincial da Ordem, Simão Rodrigues, indicou, entre outros, José de Anchieta. (Nota da IHU On-Line)

5 **Antonio Candido de Mello e Souza** (1918): escritor, ensaísta e professor universitário, um dos principais críticos literários brasileiros. É professor emérito da USP e UNESP, e doutor honoris causa da Unicamp. Foi crítico da revista *Clima* (1941-4) e dos jornais *Folha da Manhã* (1943-5) e *Diário de São Paulo* (1945-7). Na vida política, participou de 1943 a 1945 na luta contra a ditadura do Estado Novo no grupo clandestino Frente de Resistência. Escreveu o clássico *Parceiros do Rio Bonito* (1964). Sobre ele, conferir as entrevistas “A literatura é um direito do cidadão, um usufruto peculiar”, concedida por Flávio Aguiar à *IHU On-Line* nº 278, de 20-10-2008, intitulada *A financeirização do mundo e sua crise. Uma leitura a partir de Marx*, e “Antonio Candido e a crítica cultural contemporânea”, concedida por Célia Pedrosa à *IHU On-Line* nº 283, de 24-11-2008, intitulada *As Ciências Sociais, hoje. Os 50 anos do curso de Ciências Sociais da Unisinos*. (Nota da IHU On-Line)

6 **Mário Raul de Moraes Andrade** (1893-1945): poeta, romancista, musicólogo, historiador, crítico de arte e fotógrafo brasileiro. Um dos fundadores do modernismo brasileiro, praticamente criou a poesia moderna brasileira com a publicação de seu livro *Paulicéia Desvairada*, em 1922. Exerceu uma influência enorme na literatura moderna brasileira e, como ensaísta e estudioso (foi um pioneiro do campo da etnomusicologia) sua influência transcendeu as fronteiras do

nifestações mais ardentes da cultura brasileira, como o carnaval, a ocasião de uma experiência extática. Mário diz que havia uma mulata no carnaval do Rio que “dançava com religião”, como disse numa carta a Drummond⁷; a “gente chamada baixa e ignorante” continha para ele uma sabedoria de conservar “espírito religioso da vida e fazem tudo sublimemente num ritual esclarecido de religião”, marcando aí um acento na experiência coletiva e não só pessoal. Isso sem contar com a mística muito explícita dos dois maiores escritores de nosso século, Clarice Lispector⁸ e Guimarães Rosa⁹, bem

como poetas como Murilo Mendes¹⁰ e Jorge de Lima¹¹, que aprofundaram as perspectivas da questão.

Embora vários pesquisadores reconheçam a importância da mística tanto no plano filosófico como na cultura brasileira, não apareceram abordagens diretas a esse respeito senão entre teólogos como Henrique

de Lima Vaz¹² e Leonardo Boff¹³. No

12 Henrique Cláudio de Lima Vaz (1921 - 2002): filósofo e padre jesuíta, autor de importante obra filosófica. A IHU On-Line número 19, de 27-05-2002, disponível em <http://migre.me/Dto9>, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra de Lima Vaz, com o título *Sábio, humanista e cristão*. Sobre ele também pode ser consultado na IHU On-Line nº 140, de 09-05-2005, um artigo em que comenta a obra de Teilhard de Chardin, disponível em <http://migre.me/Dtoo>. A revista *Síntese*. Revista de Filosofia, n. 102, jan.-ab. 2005, p. 5-24, publica o artigo *Um Depoimento sobre o Padre Vaz*, de Paulo Eduardo Arantes, professor do Departamento de Filosofia da USP, que merece ser lido e consultado com atenção. Celebrando a memória do Padre Vaz, a edição 142, de 23-05-2005, publicou a editoria *Memória*, disponível para download em <http://migre.me/DtoL>. Confira, ainda, os seguintes materiais, publicados pela IHU On-Line: a Entrevista da Semana intitulada *Vaz e a filosofia da natureza*, com Armando Lopes de Oliveira, na edição 187, de 03-07-06, disponível em <http://migre.me/DtoR>; a entrevista *Vaz: intérprete de uma civilização arreligiosa*, com Marcelo Fernandes de Aquino, na edição 186, de 26-06-06, disponível em <http://migre.me/Dtp2>; os *Artigos da Semana* intitulados *O comunitarismo cristão e a refundação de uma ética transcendental*, na edição 185, de 19-06-06, disponível em <http://migre.me/Dtpc>, e *Um diálogo cristão com o marxismo crítico. A contribuição de Henrique de Lima Vaz*, na edição 189, de 31-07-06, disponível em <http://migre.me/DtpD>, ambos de autoria do Prof. Dr. Juarez Guimarães. Inspirada no pensamento de Lima Vaz, a IHU On-Line edição 197, de 25-09-2006 trouxe como tema de capa *A política em tempos de nihilismo ético*, disponível para download em <http://migre.me/DtpM>. Nessa edição, confira especialmente as entrevistas com Juarez Guimarães, intitulada *Crise de fundamentos éticos do espaço público*, e a entrevista com Marcelo Perine, *Padre Vaz e o diálogo com a modernidade*. Esse tema, em específico, foi abordado por Perine em uma conferência em 22-05-2007, no Simpósio Internacional O futuro da Autonomia. Uma sociedade de indivíduos? Na edição 186 da IHU On-Line, de 26-06-2006, o reitor da Unisinos, Prof. Dr. Marcelo Aquino, SJ, concedeu a entrevista Vaz, intérprete de uma civilização arreligiosa. Confira no link <http://migre.me/DtpU>. Leia, também, a edição especial da IHU On-Line sobre o legado filosófico vaziano: edição 374, de 26-09-2011, *Henrique Cláudio de Lima Vaz. Um sistema em resposta ao nihilismo ético*, disponível em <http://bit.ly/qE7Dm8>. (Nota da IHU On-Line)

13 Leonardo Boff (1938-): teólogo brasileiro, autor de mais de 60 livros nas áreas de teologia, espiritualidade, filosofia, antropologia e mística. Boff escreveu um depoimento sobre as razões que ainda lhe motivam a ser cristão, publicado na edição especial de Natal da IHU On-Line, número 209, de 18-12-2006, disponível em <http://bit.ly/>

Brasil. Andrade foi a figura central do movimento de vanguarda de São Paulo por vinte anos. (Nota da IHU On-Line)

7 Carlos Drummond de Andrade (1902-1987): poeta brasileiro, nascido em Minas Gerais. Além de poesia, produziu livros infantis, contos e crônicas. Confira a edição 232 da Revista IHU On-Line, de 20-08-2007, intitulada Carlos Drummond de Andrade: o poeta e escritor que detinha o sentimento do mundo, disponível em <http://migre.me/qR6O>. (Nota da IHU On-Line)

8 Clarice Lispector (1920-1977): escritora nascida na Ucrânia. De família judaica, emigrou para o Brasil quando tinha apenas dois meses de idade. Começou a escrever logo que aprendeu a ler, na cidade de Recife. Em 1944 publicou seu primeiro romance, *Perto do coração selvagem*. A literatura brasileira era nesta altura dominada por uma tendência essencialmente regionalista, com personagens contando a difícil realidade social do país na época. Lispector surpreendeu a crítica com seu romance, quer pela problemática de caráter existencial, completamente inovadora, quer pelo estilo solto elíptico, e fragmentário, reminescente de James Joyce e Virginia Woolf, ainda mais revolucionário. Seu romance mais famoso embora menos característico quer temática quer estilisticamente, é *A hora da estrela*, o último publicado antes de sua morte. Neste livro a vida de Macabéa, uma nordestina criada no estado Alagoas e vai morar no Rio de Janeiro, e vai morar em uma pensão, tendo sua vida descrita por um escritor fictício chamado Rodrigo S.M. Sobre a autora, confira a edição 228 da IHU On-Line, de 16-07-2008, intitulada Clarice Lispector. Uma pomba na busca eterna pelo ninho, disponível para download em <http://migre.me/qQHT>. (Nota da IHU On-Line)

9 João Guimarães Rosa (1908-1967): escritor, médico e diplomata brasileiro. Como escritor, criou uma técnica de linguagem narrativa e descritiva pessoal. Sempre considerou as fontes vivas do falar erudito ou sertanejo, mas, sem reproduzi-las num realismo documental, reutilizou suas estruturas e vocábulos, estilizando-os e reinventando-os num discurso musical e eficaz de grande beleza plástica. Sua obra parte do regionalismo

mineiro para o universalismo, oscilando entre o realismo épico e o mágico, integrando o natural, o místico, o fantástico e o infantil. Entre suas obras, citamos: *Sagarana, Corpo de baile, Grande sertão: veredas*, considerada uma das principais obras da literatura brasileira, *Primeiras histórias* (1962), *Tutaméia* (1967). A edição 178 da IHU On-Line, de 02-05-2006, dedicou ao autor a matéria de capa, sob o título “Sertão é do tamanho do mundo”. 50 anos da obra de João Guimarães Rosa, disponível para download em <http://migre.me/qQX8>. De 25 de abril a 25-05-2006 o IHU promoveu o *Seminário Guimarães Rosa: 50 anos de Grande Sertão: Veredas*. Confira, ainda, a edição 275 da Revista IHU On-Line, de 29-09-2008, intitulada *Machado de Assis e Guimarães Rosa: intérpretes do Brasil*, disponível em <http://bit.ly/mBZOce>. (Nota da IHU On-Line)

10 Murilo Mendes (1901-1975): um dos mais importantes poetas brasileiros, nasceu em Juiz de Fora, Minas Gerais. Publicou seu primeiro livro, *Poemas*, em 1930, ano em que também estréia o poeta Carlos Drummond de Andrade. Recebeu, em 1972, o prêmio internacional de poesia Etna-Taormina. Nesse ano veio ao Brasil pela última vez. Ao lado de seus livros, Murilo Mendes também publicou muito na imprensa, em especial artigos sobre artes plásticas, tendo ainda escrito muitos textos para catálogos de exposições de arte. (Nota da IHU On-Line)

11 Jorge de Lima (1893-1953): Médico e poeta, de Lima nasceu em Alagoas. Estudou Medicina em Salvador, transferindo-se para o Rio de Janeiro, onde defendeu tese sobre os serviços de higiene na capital federal. Ainda estudante de Medicina, publicou seu primeiro livro, *XIV Alexandrinos* (1914). Após ter se formado, retornou a Maceió. Sem jamais ter abandonado a Medicina, lecionou na Escola Normal Estadual da cidade, chegando a ser diretor. Ocupou outros cargos públicos estaduais, como Diretor-Geral da Instrução Pública e Saúde e Deputado, além de manter constante seu interesse pelas artes plásticas. Em 1930, transfere-se, definitivamente, para o Rio de Janeiro, onde clinica e leciona Literatura Brasileira, nas Universidades do Brasil e do Distrito Federal. Em 1925 foi eleito vereador, ocupando, três anos mais tarde, a presidência da Câmara, no Rio de Janeiro. Em 1945, entrou em contato com o Modernismo nacionalista e, em 1935, converteu-se ao Catolicismo. (Nota da IHU On-Line)

ramo dos estudos literários, destaco o trabalho de Suzi Frankl Sperber, especificamente com Guimarães Rosa já no final dos anos 1960 e ao longo dos anos 1970, para depois se dedicar à correlação entre literatura e sagrado em geral. Vejo nessa primeira geração uma preocupação teórica geral, no caso dos teólogos, ou como pensamento de seu traço marcante em determinadas obras literárias, fundando um primeiro olhar para os estudos brasileiros.

Penso que Faustino Teixeira, Luiz Felipe Pondé¹⁴ e Maria Clara Bingemer, fundadores do Seminário, são já de uma segunda geração, que trabalha com a mística de forma mais específica e abrangente ao mesmo tempo, dedicando-se a vários autores das místicas tradicionais – escritores, filósofos e teólogos – de diferentes épocas e culturas. Eu e Marcus Reis Pinheiro, bem como os vários outros ex-orientandos dos três, somos, nesse caso, da terceira geração e esticamos ainda mais o leque das manifestações, seja, no caso do Marcus, para a antiguidade grega, seja, no meu caso, para a mística na literatura moderna.

IHU On-Line – Em linhas gerais, quais são as grandes correntes de compreensão da mística desde Ploti-

iBjvZq, e concedeu uma entrevista sobre a *Teologia da Libertação* na IHU On-Line número 214, de 02-04-2007, disponível em <http://bit.ly/kaibZx>. Na edição 238, de 01-10-2007, intitulada *Francisco. O santo*, concedeu a entrevista *A ecologia exterior e a ecologia interior. Francisco, uma síntese feliz*, disponível em <http://bit.ly/km44R2>. (Nota da IHU On-Line)

14 Luiz Felipe Pondé: filósofo brasileiro, leciona na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP e na Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP, entre outras instituições. Graduado em Medicina, pela Universidade Federal da Bahia, e em Filosofia Pura, pela USP, é mestre em História da Filosofia Contemporânea e em Filosofia Contemporânea, respectivamente pela USP e pela Université de Paris VIII, França. Doutor em Filosofia Moderna pela USP e pós-doutor pela Universidade de Tel Aviv, Israel, escreveu *O homem insuficiente* (São Paulo: Edusp, 2001); *Crítica e profecia. Filosofia da religião em Dostoiévski* (São Paulo: Editora 34, 2003); *Conhecimento na desgraça. Ensaio de epistemologia pascaliana* (São Paulo: Edusp, 2004), entre outros. A entrevista mais recente que concedeu à IHU On-Line é “Perdão tem que ser graça”, na edição 388, de 09-04-2012, disponível em <http://bit.ly/HskR3E>. (Nota da IHU On-Line)

no até nossos dias, nas relações com a filosofia e a poesia moderna?

Eduardo Guerreiro B. Losso – Para ser breve numa pergunta tão abrangente, eu diria que a mística grega, judaica, cristã, sufi, hindu e budista são integrantes das grandes civilizações. O artigo de Carlos Frederico Barboza¹⁵ sobre Attar é um exemplo de mística árabe, mas o livro dá mais ênfase na cristã, por ser a mais próxima. O xamanismo das diferentes tradições indígenas é também importante e faz parte de um lado do Brasil originário e sempre mal compreendido.

Todas essas tradições tiveram uma profunda influência na filosofia e literatura modernas, mas discernir em termos históricos e textuais como isso se deu em cada manifestação é uma tarefa complexa e exige exames específicos. Por isso é necessário, de um lado, um trabalho de imersão num objeto estranho de outra época e cultura, respeitando sua singularidade; de outro, um trabalho de mística comparada, que pense as similaridades e diferenças entre as diferentes culturas e épocas, assim como entre as tradições e a cultura moderna e, finalmente, um trabalho de teorização que encontre a função dessas análises na reformulação da história da cultura e os conceitos das ciências humanas envolvidos. É nesse último ponto que o meu artigo e o de José Carlos Michelazzo incidem.

IHU On-Line – Qual é a importância da discussão acadêmica acerca da mística?

Eduardo Guerreiro B. Losso – Imensa. Como é um fenômeno exis-

tencial e experiencial integrante do homem, mas foi, ao longo da história do pensamento, mal compreendido e, mesmo quando foi extensamente abordado (isso ocorreu não poucas vezes), foi também curiosamente recalcado tanto por um investimento institucional eclesiástico quanto acadêmico laico. Digo com toda segurança que a mística foi um dos assuntos mais estudados no século XIX e, mais ainda, no século XX. Dos anos 1920 aos 1940 houve um verdadeiro *boom* de interesse sobre ela e, depois, a produção não parou de crescer, com várias polêmicas, rupturas e transformações. Contudo, ela continuou sendo marginal, pois quem não a conhece tende a desprezá-la e alimentar um olhar preconceituoso que podemos chamar até de rústico, pois ele confunde o apelo mercadológico da mística com a consistência de suas tradições e a consistência das pesquisas sobre elas. Então, se há preconceito rude e grosseiro entre os acadêmicos ignorantes da mística, nós, pesquisadores dela, podemos responder a eles: nós somos mais modernos e avançados do que vocês.

Há, por isso mesmo, o outro lado do problema: o apelo da mística fomenta ilusão e subterfúgios e entra no círculo consumista do mercado de autoajuda. A importância da discussão acadêmica está, antes de tudo, em formular uma crítica desse uso abusivo das tradições, que em geral não se prestam a esse tipo de deformação. Depois, para fazer jus a sua grandeza, ela pensa com propriedade questões existenciais de vasto alcance: a negatividade do niilismo, embate com a morte, melancolia, sofrimento humano; e a positividade do êxtase, estado de graça, silêncio meditativo, tranquilidade da alma, leveza, alegria. Logo, não há aqui lugar para escapismo. Os estados bem-aventurados dos místicos não existem sem enfrentamento radical da miséria humana.

Como o mundo de hoje é escapista e ligeiro por definição, a prática e a teoria da mística são fatores essenciais para uma crítica da mediocridade atual e apontam saídas valiosas para ela, desde que o conteúdo tradicional mesmo não deixe de passar por um

15 Carlos Frederico Barboza de Souza: doutor em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, professor de Cultura Religiosa e Ecumenismo e Diálogo Inter-Religioso da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas e coordenador do Anima PUC Minas, Sistema Avançado de Formação. Também é autor do livro *A mística do coração* (Edições Paulinas, 2010) e da coleção de Ensino Religioso Construindo a vida (Editora Fumarc). Confira as entrevistas que concedeu à IHU On-Line: *Rabi'a al-'Adawiyya e Teresa de Jesus: a busca do Amado de forma intensa e gratuita*, disponível em <http://bit.ly/ufZa1z>; *Sufismo: uma mística que busca o equilíbrio*, disponível em <http://bit.ly/dXDqVG>; *A mística de Rûmî e o ser humano autônomo contemporâneo*, disponível em <http://bit.ly/uEC61n>. (Nota da IHU On-Line)

processo de secularização e transformação, o que implica aceitar, a meu ver, os aspectos emancipatórios da modernidade.

IHU On-Line – Como se pode perceber a dimensão mística na poesia moderna?

Eduardo Guerreiro B. Losso – Baudelaire¹⁶, primeiro poeta moderno e primeiro teórico da literatura moderna, define modernidade com a reunião “do transitório, efêmero e contingente” com o “eterno e imutável”. Por isso seus esforços estavam em descrever o choque da vida parisiense e contrastar com as “correspondências” da experiência com a natureza. Logo, no despontar da poesia moderna e de sua teorização, há o desafio de imprimir na vida urbana a chispa extática. Os exercícios poéticos na vida cosmopolita darão motivos para o poeta se sentir fracassado ou, por vezes, vitorioso nesse intento. Por sua vez, místicos como Eckhart¹⁷

já diziam que na debilidade do instante está contida a eternidade divina. No meu artigo, procuro demonstrar que, quando Murilo Mendes escreve que “Cada instante assume um século”, que “Assisto crescerem os cabelos dos minutos / No instante da eternidade”, encontramos uma operação de secularização da mística tradicional na retomada do motivo da eternidade do instante. Esse motivo é tão intrínseco ao conceito de modernidade que eu termino com a constatação de que, para ser absolutamente moderno, é preciso ser minimamente místico.

IHU On-Line – De que forma crítica e mística podem estabelecer um diálogo em nosso tempo? Qual seria a importância desse encontro?

Eduardo Guerreiro B. Losso – Segundo Adorno¹⁸, o mundo existente (principalmente no Brasil, acrescento, que como sexta economia do mundo continua reproduzindo o sistema mais desigual) não leva a outra sensação senão a de desespero. Para ver algo de fora dele, é necessário o ponto de vista de redenção (*Erlösung*). A base da crítica, portanto, está numa negação do existente a partir de uma experiência de algo

a mais que se situa fora dele. Para mim, essa experiência do “fora” não tem como não ser poética e, nesse caso, poesia e mística não se diferenciam. Somente a experiência mística proporciona um destaque do mundo no mundo, uma ruptura com a injustiça do sistema e a monotonia do cotidiano que serve de fundamento ontológico e prático para a esperança, que, por sua vez, move a atividade crítica.

IHU On-Line – Por que a mística é compreendida por alguns como “fuga do mundo”? Qual é o seu verdadeiro significado e o que ela tem a desvelar para as pessoas do nosso tempo?

Eduardo Guerreiro B. Losso – A mística é compreendida assim porque grande parte (mas não todas) de suas manifestações tradicionais exigia a recusa da integração do homem na sociedade. No cristianismo, isso ocorreu com os ascetas do deserto e eles são um capítulo decisivo na história da mística ocidental. No livro, Faustino Teixeira e Maria Clara acentuam que pessoas como Teilhard de Chardin¹⁹, Simone Weil²⁰ ou mesmo

16 Charles-Pierre Baudelaire (1821-1867): poeta e teórico da arte francês. É considerado um dos precursores do Simbolismo e reconhecido internacionalmente como o fundador da tradição moderna em poesia, juntamente com Walt Whitman, embora tenha se relacionado com diversas escolas artísticas. Sua obra teórica também influenciou profundamente as artes plásticas do século XIX. Em 1857 lança *As flores do mal*, contendo 100 poemas. O livro é acusado de ultrajar a moral pública. (Nota da IHU On-Line)

17 Maitre Eckhart (1260-1327): nasceu em Hochheim, na Turingia. Ingressando no convento dos dominicanos de Erfurt, estudou em Estrasburgo e em Colônia. Tornou-se mestre em Teologia e ensinou em Paris. Em sua obra, está muito presente a unidade entre Deus e o homem, entre o que consideramos sobrenatural e o que achamos ser natural. É um pensamento holístico, pois. Para Eckhart Devemos reconhecer Deus em nós, mas este caminho não é fácil. O homem deve se “exercitar nas obras, que são seus frutos”, mas, ao mesmo tempo, “deve aprender a ser livre mesmo em meio às nossas obras”. Eckhart morreu em 1327. Em 27 de março de 1329, foi dado ao público a bula In agro dominico, através da qual o Papa João XXII condenou vinte e oito proposições do Mestre Eckhart. Das vinte e oito, dezessete foram consideradas heréticas e onze, escabrosas e temerárias. Entre estas, estava a de que nos transformamos em Deus. Mas esta condenação papal justifica-se, na medida que as idéias de Eckhart tinham uma dimensão revolucionária. Elas foram acolhidas pelas camadas populares e burguesas, que interpretavam o apelo eckhartiano à

interioridade da fé e à união divina como uma rebelião implícita à exterioridade “farisáica” de uma hierarquia e de um clero moralmente decadente (parece que a coisa nunca mudou muito mesmo). Sua herança influenciou, entre outros, significativamente, a Martinho Lutero. Sobre o tema místicas, conferir tema de capa do IHU On-Line, edição 133. (Nota da IHU On-Line)

18 Theodor Wiesengrund Adorno (1903-1969): sociólogo, filósofo, musicólogo e compositor, definiu o perfil do pensamento alemão das últimas décadas. Adorno ficou conhecido no mundo intelectual, em todos os países, em especial pelo seu clássico *Dialética do Iluminismo*, escrito junto com Max Horkheimer, primeiro diretor do Instituto de Pesquisa Social, que deu origem ao movimento de ideias em filosofia e sociologia que conhecemos hoje como Escola de Frankfurt. Sobre Adorno, confira a entrevista concedida pelo filósofo Bruno Pucci à edição 386 da Revista IHU On-Line, intitulada “Ser autônomo não é apenas saber dominar bem as tecnologias”, disponível para download em <http://bit.ly/GCSKj1>. A conversa foi motivada pela palestra *Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais*, proferida por Pucci dentro da programação do *Ciclo Filosofias da Intersubjetividade*. (Nota da IHU On-Line)

19 Pierre Teilhard de Chardin (1881-1955): paleontólogo, teólogo, filósofo e jesuíta, que rompeu fronteiras entre a ciência e a fé com sua teoria evolucionista. O cinquentenário de sua morte foi lembrado no Simpósio Internacional Terra Habitável: um desafio para a humanidade, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos de 16 a 19-05-2005. Sobre Chardin, confira o artigo de Carlos Heitor Cony, publicado nas *Notícias Diárias* do site do IHU, www.unisinos.br/ihu, de 16-06-2006, *Teilhard: o fenômeno humano. O jesuíta foi precursor do que foi chamado de evolucionismo cristão*. A edição 140 da IHU On-Line, de 09-05-2005, dedicou-lhe o tema de capa sob o título *Teilhard de Chardin: cientista e místico*, disponível em <http://migre.me/11DQX>. A edição 304 da IHU On-Line, de 17-08-2009, intitulada-se *O futuro que advém. A evolução e a fé cristã segundo Teilhard de Chardin*. Confira, ainda, as entrevistas *Chardin revela a cumplicidade entre o espírito e a matéria*, <http://migre.me/11DRm>, publicada na edição 135, de 05-05-2005 e *Teilhard de Chardin, Saint-Exupéry*, publicada na edição 142, de 23-05-2005, em <http://migre.me/11DRU>, ambas com Waldecy Tenório. Na edição 143, de 30-05-2005, George Coyne concedeu a entrevista *Teilhard e a teoria da evolução*, disponível para download em <http://migre.me/11DRM>. (Nota da IHU On-Line)

20 Simone Weil (1909-1943): filósofa cristã francesa. Centrou seus pensamentos sobre um aspecto que preocupa a sociedade até

um trapista como Thomas Merton²¹ foram místicos do século XX completamente envolvidos com questões políticas e sociais, incorporando a dinâmica das questões modernas em seu itinerário espiritual. Insisto que a mística, seja tradicional, seja moderna, não é escapismo, nem do mundo, nem do vazio existencial do homem moderno, muito pelo contrário.

Contudo, estamos num momento histórico em que há uma convocação ininterrupta de interação virtual, de modo que os jovens estão cada vez comunicando-se superficialmente, vendo TV, postando no Facebook, multiplicando diversas atividades ao mesmo tempo. Por isso é comum um déficit de atenção generalizado, como assinala o grande filósofo da contemporaneidade, com quem fiz várias entrevistas e organizei conferências em suas passagens pelo Brasil, Christoph Türcke²². Acho que a mensagem da mística

mais ascética de necessidade de recolhimento e silêncio contém, hoje, um potencial “redentor” inesperado. No livro *Sociedade excitada* (Campinas: Unicamp, 2010), Türcke afirma que, sem uma certa capacidade ascética, o sujeito hoje não será capaz de ter experiências próprias e não será mais do que juguete das novas tecnologias. Contra o vício de ser bombardeado por imagens e bombardear os outros, contra essa “compulsão à emissão”, não pode haver outro remédio senão o silêncio meditativo. Minha pesquisa tem sido de retomar o potencial emancipatório não só da mística, mas também das mensagens na garrafa esquecidas dos textos dos ascetas do deserto, que passaram a ter um significado precioso para nós hoje.

Portanto, do meu ponto de vista, mesmo a mística mais misantrópica tem muito a nos dizer. Artigos como o de Sibelius Cefas sobre Thomas Merton, Adriana Andrade sobre Eckhart, Marcus Reis sobre Plotino, Maria do Amaral sobre Mechthild von Magdeburg e de Ceci Mariani sobre Marguerite Porete²³ são, neste ponto, instrutivos.

IHU On-Line – Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?

Eduardo Guerreiro B. Losso – Acrescento que, nessa linha de uma mística da literatura e da cultura moderna, o trabalho de Erick Felinto²⁴ tem sido muito significativo,

os dias de hoje: o tormento da injustiça. Vítima da tuberculose, recusou-se a se alimentar, para compartilhar o sofrimento de seus irmãos franceses que haviam permanecido na França e viviam os dissabores da Segunda Guerra Mundial. Sobre Weil, confira as edições 84, de 17-11-2003, *Simone Weil Palavra Viva*, disponível em <http://bit.ly/tZSCDr>; 168, de 12-12-2005, *Hannah Arendt, Simone Weil e Edith Stein. Três mulheres que marcaram o século XX*, disponível em <http://bit.ly/v0aMxT>; 313, de 03-11-2009, *Filosofia, mística e espiritualidade. Simone Weil, cem anos*, disponível em <http://bit.ly/w374lt>. (Nota da IHU On-Line)

21 **Thomas Merton** (1915-1968): monge católico cisterciense trapista, pioneiro no ecumenismo no diálogo com o budismo e tradições do Oriente. O livro Merton na intimidade - Sua Vida em Seus Diários (Rio de Janeiro: Físis, 2001), é uma seleção extraída dos vários volumes do diário de Thomas Merton, autor de livros famosos como *A Montanha dos Sete Patamares* (São Paulo: Itatiaia, 1998) e *Novas sementes de contemplação* (Rio de Janeiro: Físis, 1999). O livro foi editado por Patrick Hart, também monge e colaborador de Merton. Na matéria de capa da edição 133 da *IHU On-Line*, de 21-03-2005, publicamos um artigo de Ernesto Cardenal, discípulo de Merton, que fala sobre sua relação com o monge. (Nota da IHU On-Line)

22 **Christoph Türcke**: filósofo alemão, professor de filosofia na Hochschule für Grafik und Buchkunst em Leipzig. Dentre suas principais publicações, destacamos: *Der tolle Mensch. Nietzsche und der Wahnsinn der Vernunft* (4a ed., 2000), livro que foi traduzido para a língua portuguesa com o seguinte título: *O louco: Nietzsche e a mania da razão* (Rio de Janeiro: Vozes, 1993); *Sexus und Geist: Philosophie im Geschlechterkampf* (3a

ed., 2001); e *Rückblick aufs Kommende: Atlanten der neuen Weltordnung*. (Nota da IHU On-Line)

23 **Marguerite Porete**: mística francesa, queimada pela Inquisição em Paris, em 1310, após se recusar a retirar seu livro de circulação. (Nota da IHU On-Line)

24 **Erick Felinto de Oliveira**: doutor em Literatura Comparada pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ/UCLA e tem pós-doutorado em Comunicação pela Universität der Künste, Berlim. É pesquisador do CNPq e professor adjunto na UERJ, instituição em que realiza pesquisas sobre cinema e cibercultura. É autor dos livros *A religião das máquinas: ensaios sobre o imaginário da cibercultura* (Porto Alegre: Sulina, 2005); *Avatar: o futuro do cinema e a ecologia das imagens digitais* (com Ivana Bentes. Porto Alegre: Sulina, 2010); e *A imagem espectral: cinema e fantasmagoria tecnológica* (São Paulo, Ateliê Editorial, 2008). Ainda este ano lançará pela editora Paulus, em parceria com a professora Lucia Santaella, o livro *Explorador de abismos - Vilém*

especialmente seu livro *Silêncio de Deus, silêncio dos homens* e seus trabalhos mais recentes sobre religião e cibercultura. Cito o grupo de estudos de mística Apophatiké, do Rio de Janeiro, cujos membros são Marcus Reis, Marcia Clara Binguemer, Edson Fernando de Almeida, Cleide Maria Canchumani, eu, entre outros. A interessante tese de Jimmy Sudário Cabral sobre o trágico em Dostoiévski²⁵ é fruto das discussões do grupo e digna de ser mencionada.

Leia as
entrevistas
do dia no
sítio do IHU:
[www.ihu.
unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)

Flusser e o pós-humanismo. Concedeu as seguintes entrevistas à IHU On-Line: *Um teórico barroco?*, disponível em <http://bit.ly/SJYrjc>; *A era da memória total e do esquecimento contínuo*, disponível em <http://bit.ly/mGxCcU>; *Um futuro complexo, híbrido, incerto e heterogêneo*, disponível em <http://bit.ly/orp7tJ>. (Nota da IHU On-Line)

25 **Fiódor Mikhailovich Dostoiévski** (1821-1881): um dos maiores escritores russos e tido como um dos fundadores do existencialismo. De sua vasta obra, destacamos *Crime e castigo*, *O Idiota*, *Os Demônios* e *Os Irmãos Karamázov*. A esse autor a IHU On-Line edição 195, de 11-9-2006, dedicou a matéria de capa, intitulada *Dostoiévski. Pelos subterrâneos do ser humano*, disponível em <http://bit.ly/g98im2>. Confira, também, as seguintes entrevistas sobre o autor russo: *Dostoiévski e Tolstoi: exacerbação e estranhamento*, com Aurora Bernardini, na edição 384, de 12-12-2011, disponível em <http://bit.ly/upBvgN>; *Polifonia atual: 130 anos de Os Irmãos Karamázov, de Dostoiévski*, entrevista com Chico Lopes, edição nº 288, de 06-04-2009, disponível em <http://bit.ly/sSjCfy>; *Dostoiévski chorou com Hegel*, entrevista com Lázló Földényi, edição nº 226, de 02-07-2007, disponível em <http://bit.ly/uhTy9x>. (Nota da IHU On-Line)